

DA FRÔNESE AO AUTODISCERNIMENTO: UMA ATUALIZAÇÃO MULTISSEULAR

From phronesis to self-discernment: a multisecular update

Munir Bazzi

Resumo. O presente artigo tem como objetivo analisar o conceito de frônese, originado no pensamento filosófico da Grécia Clássica, em cotejo crítico com o conceito de autodiscernimento, tal como abordado pela Conscienciologia. A comparação tem como hipótese norteadora uma relação de sentido acerca da essência do fenômeno descrito pelos dois conceitos, a partir da qual o conceito da filosofia grega pode ser resgatado e qualificado pelas abordagens evolutivas do Paradigma Conscencial. Frônese e autodiscernimento apontam para uma faculdade racional que qualifica as deliberações do agente, porém a qualidade evolutiva conferida pelo enfoque teático, multiexistencial, cosmoético e universalista do autodiscernimento constituem uma imprescindível atualização multissecular que falta à frônese. A pesquisa aponta a holofilosofia como a mais atualizada vertente de racionalidade teática e fonte de princípios filosóficos pró-evolutivos, indicada àqueles outrora ligados ao holopensene helenista.

Palavras-chave: autodiscernimento; filosofia grega; frônese; holofilosofia; virtude.

Abstract. This article aims to analyze the concept of phronesis, originated in the philosophical thought of Classical Greece, in critical comparison with the concept of self-discernment, as addressed by Conscientiology. The comparison has as its guiding hypothesis a relationship of meaning concerning the essence of the phenomenon described by the two concepts, from which the concept of Greek philosophy can be rescued and qualified by the evolutionary approaches of the Consciential Paradigm. Phronesis and self-discernment both point to a rational faculty that qualifies the agent's deliberations, but the evolutionary quality conferred by the theorice, multiexistential, cosmoethical and universalist focus of self-discernment constitutes an essential multi-century update that the phronesis lacks. The research points to holophilosophy as the most up-to-date strand of theorice rationality and a source of pro-evolutionary philosophical principles, indicated to those formerly linked to Hellenistic holothosene.

Keywords: self-discernment; Greek Philosophy; phronesis; holophilosophy; virtue.

1. INTRODUÇÃO

Hipótese. A hipótese diretriz do presente artigo é a da vinculação de sentido histórico e para-histórico entre o conceito de frônese, oriundo da filosofia grega clássica, e o conceito contemporâneo de autodiscernimento proposto pela Conscienciologia.

Cotejo. Consoante a tal hipótese, o artigo pretende comparar as nuances intelectuais e evolutivas que giram ao redor dos conceitos mencionados – frônese e autodiscernimento – no contexto da Grécia Antiga e dos pesquisadores contemporâneos da Conscienciologia, realizando um cotejo do escopo e da maturidade pesquisística de ambos.

Objetivo. Ressalta-se que este artigo não almeja uma investigação essencialmente filológica, mas, sim, propor reflexões úteis sobre as relações entre um constructo da filosofia grega e um neoconstructo da Conscienciologia, priorizando um possível vínculo para-histórico e não um processo linguístico diacrônico.

Metodologia. Para levar a cabo o objetivo deste artigo, será realizada uma análise das ideias aristotélicas a respeito da frônese, contidas da obra *Ética a Nicômaco*, por ser o texto grego clássico onde tal conceito é desenvolvido em maior profundidade, seguida de uma análise do conceito de autodiscernimento com base nos verbetes da *Enciclopédia da Conscienciologia* mais vinculados a este tema.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1. O conceito de frônese

Significado. O termo grego φρόνησις (*phrônēsis*), transposto para o português como frônese, recebeu as acepções de pensamento, senso, juízo, prudência e *sabedoria prática*, sendo esta última a acepção mais utilizada pelos filósofos da antiguidade grega e, portanto, a acepção que priorizaremos no presente estudo (LIDDELL & SCOTT, 2021).

Prudência. Embora o termo original grego para frônese tenha sido traduzido para o latim como *prudentia*, e esse origine o termo em língua portuguesa *prudência*, optamos por não empregar este último em vista de que o sentido de seu uso comum se deslocou, a nosso ver, de uma faculdade racional extremamente ativa para uma atitude de cautela, precaução e paciência, não refletindo exatamente a intenção original do termo grego.

Centro. Evidentemente a cautela, a precaução e a paciência são elementos que eventualmente se tornam prioritários no uso da sabedoria prática, porém não estão no centro do campo semântico do termo frônese, que como veremos relaciona-se mais diretamente à análise contextual, cálculo racional dos recursos e do tempo, concatenação de meios, elaboração e execução de planos.

Virtudes. A frônese é uma das quatro virtudes cardeais, primeiramente propostas em *A República*, de Platão, embora já estivessem esboçadas nas obras de Píndaro e Êsquilo, sendo assim elencadas: sabedoria (φρόνησις, *phrônēsis*), coragem (ἀνδρεία, *andreía*), temperança (σωφροσύνη, *sōphrosýnē*) e justiça (δικαιοσύνη, *dikaíosýnē*) (PLATÃO, 2008, p. 175).

Autores. Segue a lista de autores da Grécia Clássica e respectivas obras que nos chegaram, na íntegra ou de modo fragmentário, nas quais o conceito de frônese foi utilizado no sentido de sabedoria prática:

1. **Aristóteles de Estagira** (384-322 a.e.c.): *Ética a Nicômaco*.
2. **Epícuro de Samos** (341-270 a.e.c.): *Carta a Heródoto*.
3. **Isócrates de Atenas** (436-338 a.e.c.): *Ad Demonium, Panathenaicus*.
4. **Platão de Atenas** (428-348 a.e.c.): *O Banquete, Filebo, As Leis, A República*.
5. **Xenofonte de Atenas** (430-354 a.e.c.): *Memorabilia*.

Aristóteles. Dentre os listados acima, o estagirita destaca-se por ter dado um tratamento mais detalhado à frônese no livro VI da *Ética a Nicômaco*, propondo-a como uma das virtudes necessárias à consecução do grau mais completo de felicidade (*eudaimonia*) sendo, portanto, o autor que escolhemos para analisar em maior profundidade, segundo os objetivos do presente artigo.

Definição. De maneira clara e didática, Aristóteles define a frônese como “uma capacidade verdadeira e racionada de agir com respeito às coisas que são boas ou más para o homem” (ARISTÓTELES, 1973, p. 344).

Distinções. Tal capacidade racional deliberativa incide sobre contextos variáveis e contingentes, distinguindo-se da racionalidade científica que opera sobre princípios imutáveis, gerando demonstrações necessárias. Também se distingue da arte (na acepção de arte da Grécia Antiga, significando *técnica*), pois esta tem como fim a produção de algo, ao passo que a frônese volta-se à virtude da ação, não à geração de produtos específicos.

Convergência. Contudo, a frônese vale-se do conhecimento científico e da arte (*técnica*) como fontes dos meios para a consecução dos fins escolhidos, selecionando-os e articulando-os do melhor modo, ou seja, fazendo convergir tudo o que seja útil para a realização do objetivo em vista.

Orquestração. Tome-se o exemplo da longevidade, a qual depende, dentre vários fatores, de uma dieta saudável, que por sua vez envolve o conhecimento científico dos nutrientes bem como a arte de prepará-los sem que percam suas propriedades e sejam agradáveis ao paladar. A frônese é, portanto, uma *orquestração racional de meios*.

Erros. Sobre os enganos que a frônese pode cometer ao fazer uso do conhecimento científico, Aristóteles alerta que “o erro de deliberação pode versar tanto sobre o universal como sobre o particular” (ARISTÓTELES, 1973, p. 348), sendo possível que alguém ignore a importância das bioenergias para a saúde consciencial (conhecimento universal) ou, mesmo admitindo tal premissa, desconsidere que uma determinada cefaleia foi deflagrada por intoxicação energética (conhecimento particular).

Sutileza. Com notável argúcia e sutileza de análise, Aristóteles pondera que o excesso de prazer ou dor não afeta a racionalidade científica, mas prejudica de modo crucial a racionalidade deliberativa. Um indivíduo tomado de intensa dor ou prazer não perde “o juízo a respeito de ter ou não ter o triângulo seus ângulos iguais a dois ângulos retos, mas apenas os juízos em torno do que se há de fazer” (ARISTÓTELES, 1973, p. 344).

Fixação. A explicação de tal fato, para Aristóteles, reside no imediato esquecimento que as sensações demasiadamente intensas geram acerca dos motivos racionais da ação deliberada, levando o indivíduo a fixar-se na sensação presente e perder de vista as escolhas mais benéficas a longo prazo.

Redutor. Há mais de 24 séculos o estagirita propôs, portanto, de modo perspicaz e didático, a relação específica de redução da capacidade deliberativa racional frente a uma exacerbação emocional, o que contemporaneamente podemos denominar, no âmbito das pesquisas da Conscienciologia, de *redutor do autodiscernimento*.

Síntese. Buscando sumarizar as competências envolvidas na frônese, Aristóteles a caracteriza como uma forma correta de raciocínio que delibera os fins mais benéficos e elege os meios mais eficientes para atingi-los, culminando na “correção tanto no que toca ao fim como ao meio e ao tempo” (ARISTÓTELES, 1973, p. 349).

Astúcia. É relevante a diferenciação aristotélica entre a frônese e a astúcia, pois esta última denota tão somente elevada habilidade no manejo dos meios para se atingir um fim não virtuoso, ao passo que a frônese é “esse olho da alma [que] não atinge o seu perfeito desenvolvimento sem o auxílio da virtude” (ARISTÓTELES, 1973, p. 352).

Moral. A disposição consistente em preferir os fins nobres e elevados e jamais escolher fins aviltantes é o qualificativo moral que diferencia a frônese da astúcia, sendo esta associação – a da virtude moral com a frônese – a única forma de desenvolver plenamente a sabedoria prática.

Limitação. Inobstante o inegável valor evolutivo de tais propostas, Aristóteles limitou a frônese àquilo que é vantajoso ao ser humano do ponto de vista de sua saúde, seus negócios privados e sua vida pública, desvinculando-a “dos mais elevados objetos” (ARISTÓTELES, 1973, p. 346), os quais eram motivo de contemplação por outra espécie superior de sabedoria, a filosófica, caracterizada por ser teórica e não prática.

Juventude. A ausência de cosmovisão quanto à multiexistencialidade também limitava o mais célebre discípulo de Platão, o que pode ser observado em sua afirmação de que “não se acredita que exista um jovem dotado de sabedoria prática” (ARISTÓTELES, 1973, p. 347), tese que pode ser refutada por personalidades evolutivamente extraordinárias (e.g. *Homo sapiens serenissimus*). Um único contraexemplo é suficiente para refutar uma generalização.

Contemplação. O teto da inteligência evolutiva aristotélica pode ser aquilatado na afirmação de que a mais elevada felicidade é oriunda da contemplação filosófica das verdades racionais, a qual permite uma máxima autossuficiência e dispensa até mesmo o convívio e as ocasiões para a prática das demais virtudes, conforme atesta a seguinte passagem:

(...) a autossuficiência de que falamos deve pertencer principalmente à atividade contemplativa. Porque, embora um filósofo, assim como um homem justo ou que possui qualquer outra virtude, necessite das coisas indispensáveis à vida, quando está suficientemente provido de coisas dessa espécie o homem justo precisa ter com quem e para quem agir justamente, e o temperante, o corajoso e cada um dos outros se encontram no mesmo caso; mas o filósofo, mesmo quando sozinho, pode contemplar a verdade, e tanto melhor o fará quanto mais sábio for. Talvez possa fazê-lo melhor se tiver colaboradores, mas ainda assim é ele o mais autossuficiente de todos (ARISTÓTELES, 1973, p. 428-29).

Apologia. A defesa aristotélica da contemplação filosófica segue com as afirmações de que a “contemplação da verdade pode ser mais contínua do que qualquer outra atividade [... sendo] reconhecidamente a mais aprazível das atividades virtuosas; pelo menos, julga-se que seu cultivo oferece prazeres maravilhosos pela pureza e pela durabilidade” (ARISTÓTELES, 1973, p. 428).

Realismo. Seria injusto omitir que Aristóteles ponderou, com notável realismo, que uma vida inteiramente dedicada à contemplação filosófica é impossível a um ser humano – mesmo àquele que se autodenomina filósofo –, em vista de todas as necessidades biológicas e sociais, sendo, portanto, um ideal a ser perseguido e cumprido em certo percentual.

Idealização. Mas tampouco deixa de ser sintomático de excessiva idealização esta exaltação da atividade filosófica contemplativa como “a única que é amada por si mesma, pois dela nada decorre além da própria contemplação” (ARISTÓTELES, 1973, p. 429), colocando a sabedoria teórica taxativamente acima da sabedoria prática, bem como posicionando a felicidade do pensamento solitário em nível superior à felicidade da interação.

Saldo. O saldo das reflexões aristotélicas é, segundo nossa opinião, definitivamente positivo e inspirador de inúmeras vertentes de reflexão moral, política e psicológica que se seguiram à Antiguidade Clássica. Contudo, sob a ótica da Evoluciologia, parece-nos que a proposta da frônese qualificada pela virtude moral é superior à sabedoria filosófica contemplativa, contrariamente ao defendido pelo estagirita.

Frônese. A faculdade de conjugar os mais eficientes meios para a execução de fins moralmente qualificados, concebida por Aristóteles, mas não suficientemente valorizada pelo mesmo, será, portanto, o conceito que buscaremos correlacionar com o autodiscernimento, de modo crítico.

2.2. O autodiscernimento

Definologia. Segue a definição de autodiscernimento, segundo Vieira:

O autodiscernimento é o ato ou efeito de discernir e determinar a capacidade pessoal superior de compreender situações com clareza e exatidão, primeiro, para depois julgar, distinguir, decidir e identificar, separando o lógico do ilógico, o verossímil do inverossímil, o homeostático do caótico, o positivo do negativo, o verdadeiro do falso, o certo do errado, o sadio do patológico, o melhor do péssimo, o ideal do inframedíocre, o prioritário do preterível, o neofílico do neofóbico, o novíssimo do ultrapassado, o joio do trigo, o racional do irracional, a exatidão da ambiguidade, a sensatez da coragem, a prudência da imprudência, além do bom senso, da boa intenção e da boa vontade, capaz de dar maior acerto, justiça, consenso e evolução consciencial às tomadas de decisão e posição da consciência (2021, p. 3093).

Deliberações. A definição de autodiscernimento explicita a faculdade de compreensão e discriminação avançada, pormenorizada e penetrante de todas as realidades intra e extraconscienciais, a fim de qualificar as deliberações pessoais.

Atividade. Tal como visto na frônese, o autodiscernimento é eminentemente voltado à vida ativa e interativa da consciência, ainda que seu escopo ultrapasse a vida biológica e social e alcance qualquer realidade do Cosmos (intra e extrafísico) que esteja sob seu crivo.

Prioridade. O caráter prático do autodiscernimento é bem ilustrado pela asserção de que a maior evidência de sua presença é “a conscin destacar a prioridade máxima permanentemente, de modo teático, no dédalo ou no caos da cotidianidade da vida moderna, dentro da Socin ainda patológica, no combate ao rolo compressor das inutilidades onipresentes e ininterruptas” (VIEIRA, 2021, *Autodiscernimento*, p. 5).

Mentalsomatologia. A identificação, compreensão e cosmovisão quanto aos atributos mentaissomáticos da consciência, os quais nunca atuam isoladamente, mas sempre de modo interativo e interdependente, é um campo tão vasto quanto incipiente de estudos.

Complexidade. Diversos recursos mentaissomáticos são mobilizados no exercício do autodiscernimento, tais como a logicidade, a criticidade, a analiticidade, a capacidade de síntese, a associação de ideias, a memória e o parapsiquismo lúcido. O autodiscernimento parece configurar-se como faculdade superior complexa que conjuga os atributos mentaissomáticos sob a égide do aperfeiçoamento das escolhas e desempenhos pessoais, constituindo a *estrutura da sabedoria* (VIEIRA, 2021).

Círculo. É digno de nota que Aristóteles havia percebido a interação inevitável da frônese com todas as demais virtudes, tanto no sentido de se utilizar delas para seu funcionamento quanto no de qualificá-las, ao modo de um círculo virtuoso, o mesmo parecendo ser válido para o autodiscernimento em relação aos demais atributos mentaissomáticos.

Pensenologia. O uso mais imediato e íntimo do autodiscernimento parece ser o relativo aos próprios pensenes da consciência, ou seja, a exata discriminação da autopenalidade, de sua estrutura, das causas intraconscienciais, dos fatores intervenientes extraconscienciais e de todos os efeitos associados, permitindo uma deliberação quanto ao que pensenizar, o que pode ser compreendido como a raiz da autolucidez.

Retroalimentação. Uma vez atingido certo patamar de autolucidez por meio do autodiscernimento pensênico, todas as faculdades mentaisomáticas são favorecidas, incluindo o próprio autodiscernimento responsável pela aquisição do patamar sadio, permitindo a conclusão de que o binômio *autolucidez-autodiscernimento* caracteriza uma potencialização mútua ou alça de retroalimentação positiva.

Amplificador. A qualificação da pensenidade pessoal a partir do autodiscernimento, aliada à força presencial, promove a função social e parassocial de amplificador da consciencialidade, catalisando por sua vez o autodiscernimento e a qualificação da pensenidade do grupo de convívio.

Interassistência. Diversas cadeias de causação cosmoética parecem ser deflagradas a partir da potencialização do autodiscernimento, assinalando inclusive uma irresistível destinação interassistencial desta faculdade mentalsomática.

Convicção. A irresistibilidade da interassistência, neste caso, não é uma imposição exterior, doutrinária ou coercitiva, mas sim uma convicção pacífica nascida no seio do próprio autodiscernimento. Cedo ou tarde, o indivíduo que potencializa seu autodiscernimento elege a interassistência como fim prioritário e converge seus esforços na promoção deste fim.

Cosmoética. A adesão a princípios interassistenciais, de modo lúcido e deliberado – portanto resultante do autodiscernimento – demarca um nível importante de consciência cosmoética, distinto do comportamento interessado em ganhos secundários, próprio de quem pratica a assistência apenas como meio para um fim egoísta.

Coerenciologia. A crescente extensão e profundidade do autodiscernimento no mundo íntimo permite identificar e enfrentar inúmeras fissuras e contradições da personalidade, franqueando a possibilidade da *harmonia comportamental integrada* e da autocoerência (VIEIRA, 2021).

Ponteiro. A interação entre o autodiscernimento e o ponteiro consciencial – ou o indicador intraconsciencial das autodecisões – parece ser um dos fatores de maior impacto na evolutividade, na medida em que determina a relação de meios e fins de todas as ações lúcidas da consciência.

Eutímia. A opção por abandonar mecanismos de defesa do ego anacrônicos e direcionar o faixo de luz do autodiscernimento sobre os recônditos desassossegos íntimos é um passo decisivo rumo à eutímia, ou a condição de estar bem consigo mesmo, em estado de humor sereno e equilibrado. A incúria quanto ao porão pode fazer o edifício consciencial ruir.

Afetividade. A aplicação do autodiscernimento à dimensão afetiva, transformando feridas emocionais em cicatrizes de experiência e cultivando sentimentos pró-evolutivos, influencia sobremaneira na manutenção do próprio discernimento, especialmente frente a seus possíveis redutores.

Redutores. A identificação e profilaxia quanto aos redutores do autodiscernimento é uma atitude prioritária a toda consciência no estágio do pré-serenismo. Abaixo, classificamos didaticamente tais redutores com base no estudo pormenorizado feito por Vieira (2007), destacando 5 exemplos de cada classe e recomendando fortemente o estudo da referência bibliográfica primária:

1. **Biológicos:** anemia; alcoolismo; fome; insônia; medicamentos.
2. **Emocionais:** ansiedade; autovitimização; infantilidade; masoquismo; riscomania.
3. **Intelectuais:** apedeutismo; apriorismo; credulidade; ilogicidade; hipomnésia.
4. **Volitivos:** acídia; autodesorganização; decidofobia; pusilanimidade; subcerebralidade.
5. **Morais:** autocorrupção; egoísmo; inautenticidade; racismo; sarcasmo.
6. **Multidimensionais:** antiseriêxis; bloqueio energético; heterassédio; iscagem inconsciente; pressão holopensênica.

Mecanicismo. As descrições do autodiscernimento e outros atributos conscienciais não intenciona defender uma concepção de que a consciência é um agrupamento de múltiplos elementos autônomos, o que seria uma fraca analogia mecanicista.

Compreensibilidade. No atual estágio das pesquisas sobre a consciência, a abordagem de suas múltiplas facetas, atributos, traços, características, tendências, veículos, memórias, entre tantos fatores, é a estratégia viável de compreensibilidade sobre a realidade mais complexa de que se tem notícia no Cosmos.

Duração. Mas não se deve perder de vista que a multiplicidade oriunda da análise é um recurso racional aplicado a um fenômeno que, na realidade, desdobra-se ininterruptamente no tempo de modo renovadamente sintético, ao qual cada um de nós tem acesso privilegiado, em primeira pessoa: a consciência em sua pura duração.

Ramificação. Ao se abordar de modo mais aprofundado uma das características da consciência, como apenas esboçamos nesta seção em relação ao autodiscernimento, inevitavelmente a pesquisa se espalha, ramifica e conecta com o todo complexo do microuniverso consciencial, sendo tanto maior este efeito quanto mais nos dedicamos a compreender o atributo em questão.

2.3. Cotejo frênese – autodiscernimento

Essência. A faculdade racional de compreender com o máximo possível de profundidade e riqueza de detalhes todas as realidades acessíveis, com vistas a melhor deliberar e agir, é um fator comum à essência dos conceitos de frênese e autodiscernimento.

Moral. Outro ponto de convergência entre os conceitos de frênese e autodiscernimento é a necessidade de uma qualificação de ordem moral no que diz respeito aos fins almejados pelo exercício dessas faculdades, de modo a diferenciá-las de uma simples habilidade social, astúcia, traquejo político ou um *savoir-faire* altamente eficaz, mas imoral.

Interação. Ainda no campo das convergências, Aristóteles identificava a natureza interativa da frênese em relação às outras faculdades da consciência, assim como é observado no caso do autodiscernimento, conforme discorreremos na seção anterior. O filósofo grego discorreu, por exemplo, sobre a relação da frênese com as competências técnicas (artes), o conhecimento científico, a sabedoria teórica e a razão intuitiva (ARISTÓTELES, 1973, p. 341-53).

Escopo. Uma diferenciação crucial entre as abordagens da filosofia grega clássica e o enfoque conscienciológico é a integração, feita neste último âmbito, do autodiscernimento com uma teoria evolutiva, cosmoética e multidimensional da consciência, descortinando um escopo de amplitude incomparavelmente maior para o atributo em questão.

Verpon. A frênese aristotélica estava adstrita à gestão competente e moralmente virtuosa dos assuntos privados e públicos, constituindo inegavelmente, no contexto do séc. IV a.e.c., uma verdade relativa de ponta.

Mandato. Já o autodiscernimento, conforme pesquisado no contexto da Conscienciologia do séc. XXI, tem como escopo a gestão cosmoética e eficiente do mandato intrafísico, durante o qual se desenvolvem as ações complexas e interligadas da proéxis, incluindo o desafio de atender a 4 veículos conscienciais, manter a autolucidez, responder às demandas da sociedade da hipercomunicação e manejar uma profusão imensurável de informações, das quais ínfima fração é evolutivamente útil.

Priorologia. A diferença de aplicabilidade dos conceitos de frônese e autodiscernimento não diz respeito apenas ao distinto grau de desenvolvimento cultural, social e científico de nossa era em relação à antiguidade clássica, mas sobretudo à qualidade questionável da priorização dos filósofos gregos em relação aos pesquisadores da Conscienciologia.

Aplicabilidade. A filosofia grega ofereceu contribuições seminais a praticamente todas as vertentes da racionalidade ocidental, mérito inegável e indelével. No entanto, passou ao largo da aplicabilidade interassistencial desta racionalidade, haja vista que nenhuma das virtudes cardeais preocupa-se com a elevação do nível evolutivo alheio, tampouco a interassistência universal figura como tema de destaque nas especulações dos grandes filósofos clássicos.

Parapsiquismo. Embora o parapsiquismo não fosse realidade estranha aos gregos antigos, em vista dos oráculos (Delfos, Delos, Anfiarau, Éfira, etc.), dos purificadores (p. ex. Epimênides de Cnossos) e das artes divinatórias (*mantiké*), a produção filosófica que nos chegou ignorava a possibilidade de aplicação lúcida do parapsiquismo em sinergia com as faculdades racionais. Ao invés disso, a postura era de reverência e acriticismo, inclusive por parte de pensadores que, em tudo o mais, eram expoentes da criticidade (SCHNEIDER, 2019, p. 191-208).

Contemplação. Sintomático dessa atitude é o fato de Aristóteles ter reservado exclusivamente à sabedoria filosófica teórica, ou puramente contemplativa, os assuntos mais elevados, também chamados de *coisas divinas*, não sendo possível, na concepção do estagirita, que a frônese ou sabedoria prática se ocupasse dos mesmos.

Atualização. Com isso chegamos ao *punctum saliens*, ou ao âmago do exame crítico da frônese objetivado neste trabalho: conquanto este conceito da filosofia grega antiga seja de alta relevância, requer a ampliação de sua aplicabilidade à realidade evolutiva, multiexistencial e multidimensional da consciência. Esta é a atualização necessária da frônese, sua qualificação em autodiscernimento.

3. CONCLUSÃO

Lucidez. A qualidade dos conceitos trazidos à *luz* na dimensão intrafísica é proporcional ao nível de *lucidez* consciencial de seus propositores. Neste sentido, seguramente a lucidez consciencial dos filósofos da antiguidade clássica grega estava bem acima da média de seu tempo. Contudo, a evolução consciencial multissecular exige o aprimoramento de atitudes, concepções, ideias e comportamentos, não escapando a filosofia grega desta observação de sabedoria prática *vivenciada*.

Teoria. O *éthos* da filosofia grega antiga priorizava a teoria, a livre especulação e a relação com objetos ideais do pensamento, fato ilustrado pela concepção de mais alta realização possível em Platão e Aristóteles: o conhecimento das Formas eternas e imutáveis, para o primeiro, e a eudaimonia, ou perfeita felicidade, trazida pela vida de contemplação teórica, para o segundo.

Teática. O *éthos* da pesquisa conscienciológica prioriza a teática, a inteligência evolutiva, a autoexperimentação e a aplicação do autodiscernimento a todos os aspectos intra e extraconscienciais que demandam nossos esforços, rumo à Serenologia vivenciada.

Compromisso. Este autor, na condição autodeclarada de vinculação ao antigo *éthos* da filosofia grega, deseja firmar o compromisso de evitação da automimese quanto ao holopensene helenista. Francis Bacon afirmou que não desejava viver sem a filosofia, ao que aduzimos ser a vida dedicada à filosofia, mas sem autodiscernimento, um lamentável desperdício.

Holofilosofia. A evolução nos impulsiona à ampliação dos estudos filosóficos, agora com bases teáticas, cosmoéticas e universalistas, sem desperdício das profundas investigações realizadas ao longo da história do pensamento, mas direcionando-as para a constituição de uma holofilosofia de vida multidimensionalmente produtiva.

REFERÊNCIAS

1. ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Trad. Leonel Vallandro e Gerd Bornheim. In. Coleção Os Pensadores, Vol. IV, São Paulo: Abril Cultural, 1973.
2. LIDDELL, H.; SCOTT, R. **A Greek-English Lexicon**. Ed. Digital *Thesaurus Linguae Graecae*, 2021. Disponível em: << [<http://stephanus.tlg.uci.edu/lsg/#eid=1>](http://stephanus.tlg.uci.edu/lsg/#eid=1)>>, último acesso em 30 de maio de 2021.
3. PLATÃO. **A República**. Trad. Maria Helena da Rocha Pereira. 11ª Ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.
4. VIEIRA, Waldo. **Enciclopédia da Conscienciologia Eletrônica**. 9ª Ed. Digital. Foz do Iguaçu, PR, Associação Internacional Editares; Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia (CEAEC), 2021 (Verbetes: Amplificador da consciencialidade, Autodiscernimento, Autolucidez consciencial, Coerenciologia, Consciência cosmoética, Eutimia, Holofilosofia, Ponteiro consciencial).
5. _____. **Homo sapiens pacificus**. 3ª Ed. Foz do Iguaçu, PR, Associação Internacional Editares; Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia (CEAEC), 2007, p. 578-639.

Munir Bazzi, médico infectologista, bacharel e mestrando em Filosofia, voluntário da Conscienciologia desde 2000, professor de Conscienciologia desde 2001, tenepessista.